



N.º 41 - LISBOA 24 DE OUTUBRO

I ANNO 1900



A PARODIA

<p>PREÇO DA ASSIGNATURA</p> <p>PAPELAMENTO ADIANTADO</p> <p>Lisboa e provincias, serie de 20 numeros. 500 Reia</p> <p>..... 52 12000</p> <p>Cobrança pelo correio, Lisboa 100</p> <p>Africa e Estrangeiro, accresce o porte do correio</p> <p>Vende-se em Paris no kiosque, 10, boulevard des Capucines GRAND CAFE.</p> <p>EDITOR - CANDIDO CHAVES</p>	<p>Publica-se ás quartas-feiras</p> <p>CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO</p> <p>E</p> <p>M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</p>	<p>Administrador - GONZAGA GOMES</p> <p>Administração - RUA DA BARROCA 112, 1.º</p> <p>Composição: Mta. Península, 111, R. da Malaya, 111</p> <p>Impressão: Lythographia Artistica</p> <p>R. do Jardim do Tabaco, 92 a 96</p> <p>Preço avulso 20 réis</p> <p>Um mez depois de publicação 40 réis</p>
---	---	---

Diz-me como calças, dir-te-hei quem és



Ao tempo em que este numero da *Parodia* terá sahido da machina, já Suas Magestades Fidelissimas terão sahido do Porto. Não se poderá dizer, portanto, que de alguma fôrma concorreremos para o luzimento das festas com que a segunda cidade do Reino terá recebido os Soberanos, ou para o possivel insuccesso d'essa recepção.

No momento da partida do comboio que conduzia os augustos viajantes, com o seu sequito de mini-tros, de conegos e de reporters, subiram ao ar, e avolumaram-se no espaço, estas três interrogações:



O que fará o Porto?

Quanto custarão as festas?

Quem ganhará as eleições?

Até á hora em que escrevemos, não nos chegou noticia do que por lá se tem passado. Apenas podemos formular algumas conjecturas. E só por palpite nos será possivel responder áquellas tres perguntas.

Aqui vão, portanto, as nossas tres respostas.

O Porto não tem nada que ~~var~~ com estas festas. Trata se apenas de um *pic-nic* preparado em Lisboa e realiado no Porto, como o poderia ser em Queluz, em Cintra, ou no Alfeite. O Porto não faz mais do que emprestar a quinta.

Encommendou-se o serviço ao Sr. Pereira da Cunha, como se poderia tel-o encommendado ao nosso amigo Ferrari ou a Monsieur Piper. Em vez d'um chefe de cosinha, contractou-se, para o effeito, um governador civil.

Os habitantes da cidade, como quem diz — os donos da quinta, quizeram levar a sua bizzarria um pouco mais longe, e pozeram ás ordens dos organisadores da festa alguns dos seus serviços, creados e moços de estrebria. E assim appareceram na lufa-lufa dos preparativos as primeiras auctoridades e as primeiras pessoas de representação official do Porto.

O programma da festa—foi de Lisboa.

O feriado nas repartições—foi de Lisboa.

O coração de D. Pedro —foi de Lisboa.

A resposta ao telegramma que a Associação Commercial enviou ao Governo no anno passado, por occasião da peste—foi de Lisboa.

O bello effeito das ornamentações do Sr. Moreira Mattos—foi de Lisboa.

A *Primeira Pedra*, drama de Luiz Galhardo, para a estação de São Bento—foi de Lisboa.

A recita de gala no Theatro de São João — foi de Lisboa.

O *Te-Deum* nos Franciscanos—foi de Lisboa.

As quadrilhas para o baile do Club Portuense— foram de Lisboa.

Os tuberculosos—foram de Lisboa.

Os vivas — foram de Lisboa.

Os discursos — foram de Lisboa.

A policia —foi de Lisboa.

Pensando-se que, para os effeitos da digestão de um tão lauto festim, não seria bastante uma retrete, de Lisboa foram enviados ainda, de prevenção, alguns vasos — de guerra.



Quanto custarão, ao fim das contas, todas essas festas, não podemos nós suppôr, nem queremos d'isso saber. Do que temos a certeza, porém, é que se essas festas não foram do Porto, muito menos ainda serão do Porto—as contas! Quanto ellas custarão não o sabemos nós; o que só desejamos é que não custem alguma semsaboria.

Taes são os votos com que nós vamos á urna nas eleições do Porto—uma vez que essas eleições se realisem tambem, como é de suppôr—em Lisboa!

O ESTRANGEIRO NA «PARODIA» OU A «PARODIA» NO ESTRANGEIRO



D. Francisco de Sousa Coutinho abraçado por Charles Kjernef, critico do jornal *Politiken*, Schytte, do *Dannebrog* e Zuffy ker do *Kobenhaven*, da Dinamarca.

(Do Klods-Hans).

Interviews da «Parodia»

(Com o Sr. Ministro da Fazenda)

Como correm hontem insistentemente boatos de crise ministerial, indicando-se o Sr. Ministro da Fazenda para o numero sem pre appauido do salto mortal, fomos até Cascaes tirar nabos da pucara ao Sr. Anselmo d'Andrade. Não vale a pena contar os incidentes da viagem, que os teve, e dos mais emocionantes — a ponto de o comboio ter sido atacado por um bando de peles vermelhas, que estavam indo uma *matinée* com a *Volta do Mundo* em S. João do Estoril.

Chegado a Cascaes, o redactor d'esta folha encarregado da parte politica, a despeito de guardar o mais rigoroso incognito, foi pallido de uma grande manifestação. Foi pallido por não poder ser alvo porque é muito amarelo.



Aqui fica consignado o reconhecimento do alludido tragahadanças a todas as senhoras de Cascaes, as quaes — diga se de passagem — são todas perfiladas do Sr. Sergio de Castro e afilhadas do Sr. Costa Pinto Felizes creatura!

Fomos surpreender o Sr. Conselheiro Andrade á janella, de binoculo assesta to para a bahia. Quando deu tento da nossa pessoa, o Sr. Ministro da Fazenda dispendeu connosco um sorriso encantador de uns quarenta e cinco que S. Ex.^a tem reservados para as vistas dos credores externos.



—Olá, por cá! Seja muito bem vindo. Bomsinho? Você está mais crescido, homem. Você é o defict... caramba!

—Folgo de o ver tão despreoccupado.

—Obrigadinho. Estava para aqui a ver navis...

—E' certo o que corre por ahi? Que V. Ex.^a cae...

—Não caio nessa!

—Serio?

—Seguinho seja eu se cahir!

—Mas então...

—Eu lhe digo. Entendam nos. Eu não caio, desço. Apoio-me, percebe você? Estou farto?

—Então?

—Deram me cabo da boa vontade, de tudo. Até da Terra, menino. O astro rei, que como você sabe é o Burnay, queimou-tudo.



Energias, theorias, boa vontade, tudo. Chegamos cada calor... ui! Até o Albano da Cunha está muito mais trigueiro. O Perestrello parece o Ceará em estado de secca. O José Lobo pediu que o ligassem a uma

bocca do seu appellido, d'elle, para refrescar. E o Carriho, pendido do tenro hastil, parece a amante de Henry Heine, como diria o Fialho de Almeida. Assim, uma vez que da minha Terra se pode dizer que foi chão que deu uvas, resolvo abandonar a fazenda que, aqui para nós, não dá panno para mangas...

—Mas, interrompemos, que tencionava fazer?

—Outro livro. *A Agua*.



—Boa ideia!

—E' muito boa, pois não é? E' minha e do Antonio Ennes. Pois é verdade! *A Agua*. Tenho cá um palpito que ha de sair obra muito liquida! Vamos a ver. Depois, já se sabe, vou a Ministro da Marinha...

—Ah, conte me d'essas!

—Pois, então, V. que julga? E' logico! *A Terra* deu-me a Fazenda...



—*A Agua* dá-lhe a Marinha!

—Nem mais. E mais tarde... ha um projecto-inho.

—Diga, diga...

—Outra ideia minha. Minha e do Ennes. Mas V. não diga nada d'isto. Tenciono fazer *O Fogo*.

—Toma! E o *Fogo*...



—Dá-me a Guerra.

—Bufa!

—Ora aqui tem V. o meu caso. Parece-me que não ha que dizer.

—Evidentemente!

—De resto, estou convencido de que em politica não pôde um homem trazer a camiza lavada das convicções e um farnelito de bons desejos p'ra socêga. Para quê, bom amigo? Para quê? Para nos caçoarem? Ora, abobora!



—Mas seria bom que se affirmasse em politica, não pelos processos rotineiros.

—Roti... o que, homem?

—Neiros, Sr., neiros!

—Ora, processos rotineiros! O ar com que V. diz isso! Tem graça, bom amigo, tem graça!... Pois saiba que a rotina, em politica, é tudo.

—Mas attenda a que, assim, teremos que o confundir com os outros...

—Quaes outros? Você distingue? Oh homem de Deus, vá-se com esta, que é axioma politico cá do rapaz. Cá do rapaz e do Ennes. «Nós somos agora como aquelles que eram o que nós hoje somos e nos chamam agora como nós lhe chamavamos quando eramos d'antes o que elles hoje são».



PERFIL DE CASCAES

Quando ella passa, como a Ave-Maria, cheia de graça, o Sr. Sergio de Castro, de boina, cicia:

Dá-me um copo de vinho dos teus beijos,
E era uma vez um novo rei de Thule.

De uma vez a nossa gentilissima perfilada, que estava n'um dos seus momentos de bom humor, preciosos nas pessoas da sua distinctissima familia, voltou-se para a sua veneranda progenitor... e disse:

—Oh mamã, aquelle senhor diz que quer beber vinho por um bule!

No *Sporting* é ella sempre quem leva a melhor.

Faz annos a 14 de Novembro e mette os posinhos para dentro. Ao fim da tarde é frequente vel-a na cidadella, pensativa, roendo as unhas ou com o dedo no nariz. Sua avó chamava-se D. Sarah Chagas, e a netinha chamava-lhe com muita graça «avósinha adhesivel».

Ainda não mataram?



De Moncorvo, e assignada pelo Sr. Accacio Lopes, recebemos uma carta exhortando-nos a «chamar á liça o Sr. Fialho de Almeida, o grande pamphletario dos *Gatos*».

Está dito. Uma vez que o Sr. Fialho ainda tem um Accacio para o admirar, não temos duvida em chamar esse catitinha á liça.

Um de nós vae a Cuba um d'estes dias fazer seus tagatés ao solitario de Villa de Frades. Que Accacio se vá preparando para receber a conta. A carta de conselho irá a seu tempo.



EXPEDIENTE

Deixaram de ser agentes d'este jornal: Em Faro o Sr. Alvallos d'Almeida e em Extremoz o Sr. José Maria A. Franco.



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

10 OUTUBRO



EU NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

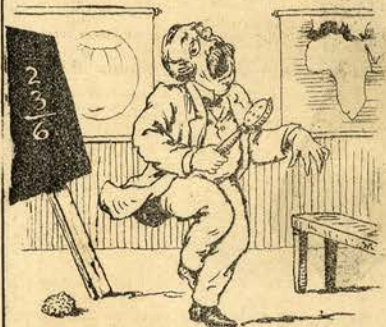
APONTAMENTOS INTIMOS
DE JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

16 de Agosto. — Acabo de percorrer toda a secção do Ensino, e dou por muito bem empregado o meu tempo. Se Deus me der vida e saúde, penso que da minha visita de hoje à Exposição ha de resultar ainda grande proveito para o meu paiz, para o meu querido Manuel Céguiuho.

Comecei pelas primeiras letras, no rezo-dão, ás dez horas da manhã, e só por volta do meio dia é que me achi a lér por cima, isto é—no primeiro andar. Gastei o melhor de duas horas nas escolas primarias, feminina, masculina e hermaphrodita ou mixta.

Ahi recordei, enternecidamente, com os olhos marejados das lagrimas da saudade, os meus ditosos tempos de menino e do meu cão Piloto, quando me levavam de casa de meus paes para a mestra, que por signal era uma creatura parecidissima com o Francisco Felisberto Dias Costa, tambem d'oculos e bigode.

Sentei-me nos bancos da aula, e metti o dedo no nariz; quiz ser chamado á pedra, e como não estivesse mais ninguem, eu mesmo engrossei a voz, e disse:—«Menino Castro, venha á pedra!» Quiz apanhar palmatoadas, fingi não saber a lição, e eu mesmo, pegando na palmatoria com a mão direita, ferrei meia duzia de bolos, mas de bolos doces, na mão esquerda.—«Agora, dê cá a outra mão!» disse eu, imitando a voz do Dias Costa. E passando a palmatoria da mão direi a para a mão esquerda, ferrei mais meia duzia de bolos na... outra mão!



Tão longe quiz levar a minha illusão escolar, que puz a mão na testa — e fui lá dentro!

Da Cartilha Maternal passei ás Leituras correntes e intuitivas. Fiz as quatro operações: uma com os credores externos, outra com as 72:000 obrigações dos Caminhos de Ferro, outra com os portadores dos titulos de D. Miguel, e a ultima, a de dividir, com o Burnay. Fizei a prova dos nove, tirei a prova real, estava tudo certo!

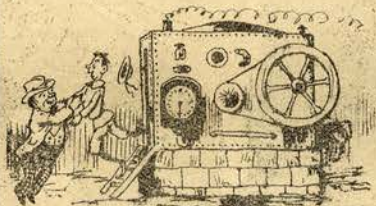
Tudo o que respeita ao ensino livre é muito curioso, principalmente o Instituto Langlois, para creanças atzazadas. Até eu sinto que teria ainda aqui muito que aprender, se não me achasse já tão adiantado — em idade. Foi d'este Instituto que saíram o João Arroyo e o Paço Vieira.

No ensino secundario, sente-se a falta do nosso Jayme Moniz: tudo está organizado e disposto pela melhor ordem. Basta dar uma volta por esta secção para se ficar com o curso completo dos lycées.

Na visita das secções estrangeiras do ensino, estabeleço comparações muito instructivas entre os diversos methodos usados pelos diversos paizes. A Suecia e a Noruega apresentam na sua escola primaria nacional um curso de cosinha, que só deixa a desejar alguma coisa que se coma. A Suissa excede tudo quanto se possa imaginar de perfeição pedagogica, o que é para mim uma verdadeira revelação. Tanta vez que perguntei ao José d'Azevedo, quando eu era ministro do Reino e elle director geral da Instrucção Publica, se a Suissa estaria realmente tão adiantada em materia de instrucção, como dizia o Ferreira Deusdado, e sempre o José d'Azevedo a dizer-me: — «Isso sim! Deixe V. Ex. falar. O paiz mais adiantado em materia de instrucção... sou eu!» O Gymnasio das meninas russas é encantador, e faz-me pensar no que faria o Cardoso, se se encontrasse n'aquelle Gymnasio! Era capaz de fa-



zer beneficio, o grande maroto! As universidades de Coimbra americanas são tambem maravilhosas, vendo-se ali uma machina para fazer exames, verdadeiramente admiravel: o examinando entra por um lado absolutamente ignorante e sae pelo outro plenamente approvado. O jury, que é automatico, faz mover um circulo de perguntas muito bem combinadas, e é dentro d'este circulo que se mette o examinando.



E pensar eu que em Portugal ainda se está no primitivo systema do jury movido por emphnos!

Ao deixar esta secção, por certo uma das mais bellas do grande certamen de 1900, encontro o José Parreira, e ambos nós constatamos com verdadeiro prazer esta nobre emulação intellectual que anima os povos, presagio de paz e de progresso, na via funicular da civilização universal!

18 de Agosto. — Um dos pontos da Exposição onde admiro maior somma de trabalho é na Esplanada dos Invalidos. Parece mentira, mas não é. E', talvez, um paradoxo. Pergunto ao Madeira Pinto, que tem sido o meu companheiro de hoje, como é que estes Invalidos podem trabalhar tanto, ao passo que ha tantos operarios de perfeita saúde sem trabalho? O Madeira Pinto está como eu, tambem não o sabe, mas procura no Diccionario. E enquanto elle procura essa explicação que não encontra, encontro eu uma idéa, um alvitre, todo um plano de resolver, em Portugal, uma grande questão economica — a questão do trabalho pago pelo Estado, que tão avultadas verbas consome, e á sombra das quaes verbas tantas sujeitas se adjectivam. A minha idéa é esta: empregar nas obras do Estado todas as Classes Inactivas, á semelhança do que aqui se faz com os Invalidos.

Estivemos no Petit Palais e no Grand Palais. O Madeira Pinto não encontra no seu Diccionario o verdadeiro significado d'estas duas designações. Primeiramente, procura a palavra *Petit*, que quer dizer — pequeno.

— «Não gosto!» diz o Madeira Pinto.

— «Tambem eu não!»

— «Vamos então a ver o que significa a palavra — *Grand*...»

— «Não precisa procurar, observe-lhe eu. *Grand* é um nome de pessoa, e não vem no Diccionario. Pois V. não se lembra do Capitão *Grant*? Não se lembra dos *Filhos do Capitão Grant*?»

— «Ah! bem sei, um capitão de Caçadores 2. Conheço muito bem Os filhos devem já estar muito cfescidos. Mas não percebo, neste caso, o que tem de fundo das costas com as calças...»

Tambem eu não percebia, isto é que é escrever com franqueza. E lembrei então que se procurasse no Diccionario a palavra — *Palais*. Deviamos ter começado por aqui. *Palais* quer dizer — paladar. Eureka! — que é como quem dissesse em grego: — «Caramba! Se *palais* queria dizer paladar; *petit*, pequeno; e o *grand* se referia aos filhos do Capitão, que já deviam estar crescidos, nada mais facil do que achar a decifração d'esse verdadeiro enigma. *Petit Palais*, *Grand Palais*... Pequeno paladar, grande paladar!

O Madeira Pinto, porem, parecia não perceber. E confessou:

— «Não percebo, com franqueza não percebo!»

— «E sem franqueza?»

— «Tambem não percebo!»

— «Pois então fique-se lá com esta, e não diga nada a ninguem: quando V. vir á entrada d'uma exposição algum distico assim concebido — *Grande paladar*, *Pequeno paladar*, já fica sabendo que se trata de uma exposição... para todos os paladares!»

Entrámos. E só depois de lá estar dentro é que o Madeira Pinto ponde fazer justiça á minha sagacidade. Aquillo é, com effeito, uma exposição para agradar á toda a gente. Os que gostam de artes novas tem ali tudo quanto possam desejar. Os que gostam de velhas, tambem. E os que as preferem de meia-idade, nem novas, nem velhas, como quem diz — *Edade Média*, tambem ali as tem, e bem boas.

Quando terminámos a nossa visita ás salas do mobiliario, eu já não me podia aguentar com vontade de despejar a *beiriga* dos meus peccados, que são os meus calemburs, e voltando-me para o meu companheiro, desabotei-me nestes termos:

— «Sim senhores! Isto é realmente bonito. Mas falta aqui um genero de trabalho, para o qual só em Portugal se encontra a materia prima...»

— «Qual é?» perguntou logo, cheio de curiosidade, o nosso antigo Director dos Correios e Telegraphos.

— «É a escultura em madeira... Pinto! Mhito aos rimos.»



DITOS

Uma dama que pertence ao famoso grupo das perfiladas dos catinhas do *Illustrado* foi ha dias procurar um medico muito conhecido, nosso amigo e cavalheiro muito espirotuoso.

—Ah querido doutor, que martyrio, a minha pobre vida! Sofro horrivelmente! Imagine: além d'estes malditos nervos, sinto-me muito mal do figado, do estomago e do coração. Que lhe parece? Que me diz a isto?

—Digo-lhe, minha senhora, que é preciso ter muita saúde para resistir a tanta doença...



Pela imprensa:

O nosso Gallis, disqueteando sobre a acção directa que Victor Manuel III exerce sobre o Governo de Italia, escreve no *Tempo* que é provavel que o paiz accete de bom grado o novo futuro que o rei lhe prepara.

No *Jornal do Commercio*, e logo no começo da sua preciosa «Revista Scientifica», o nosso excellent Julio de Mascarenhas refere que «sumptuosos commerciantes de toucinho...»

E' um regalo vel-os assim tão eguaesinhos. O que é um dó de alma é a gente pensar que um foi representar-nos na Exposição de Paris e o outro ficou.

Coisas do mundo! Do *Mundo* e da *Vanguarda*!



Folque Lore ou Laura Foique

II

Não ha dor, não ha tormento
Não ha magua, não ha fel,
Que chegue a um folhetim
Do Alberto Pimentel.

Definições:

Arbusto. — Busto com certo ar.

Como não recebessemos correspondencia de Cascaes por causa do mau estado das estradas, para que chamamos a attenção do Sr. Ministro das Obras Publicas e do *Papa Leguas*, transcrevemos estas noticias da chronica de Cascaes do nosso collega '*Diario Illustrado*:

«Ha mais dois casamentos em perspectiva. Somma e segue. *

Parece que sempre se realiza não uma vaccada mas uma garraçada por amadores.»

Por amadores? Então dispensam-se *espadas*.

E' natural, uma vez que o triumpho é paus!



O nosso bom Christovam Ayres continua nos seus estudos e investigações com o proveito de que os senhores vão ter conhecimento pelos seguintes tercetos de uma admiravel poesia que S. Ex.^a fez publicar n'um jornal com o titulo *Spleen*:

«Dizem que raiou o sol...
Pode ser... Na sepultura
Continua a noite escura.

Quando a Noite sobre o mundo
Lança o seu manto funereo,
E' dia n'outro hemispherio.

Foi tambem o Sr. Christovam Ayres quem descobriu que era a mana quem mais gostava de banana. Pelo que, não será caso para admirações que S. Ex.^a descubra o plano financeiro do Sr. Anselmo de Andrade e por que é que se diz que o pão é fresco quando o pão é quente.

Instantanea PARODIA



AGENCIA NACIONAL

DIRECTOR: AUGUSTO SOARES

Annuncios para os jornaes do paiz e estrangeiro.—Affixação de cartazes.—Publicidade em todos os generos.

Coupures de journaux sur tous sujets et personalities.
RUA AUREA, 178.—TELEPHONE: 286

A. L. FREIRE



Com ateliers de gravura e grande estabelecimento de papelaria e officinas de typographia, lithographia e encadernador, fabrica de carimbos e suas machinas, armazem das letras esmalgadas, retratos a crayon, cutelaria, ferragens, perfumarias, etc., fundados em 1882.

Telephone 943.
RUA DO OURO, 158 a 164

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezos

AVISO AO PUBLICO

Tendo a Administração dos Caminhos de ferro do Minho e Douro resolvido supprir a p rtir de 1.º Outubro proximo os seus comboios n.º 43 e 44 entre Porto e Valença e n.º 213 e 214 entre Porto e Beira Alta, ficam desde essa data, sem ligação immediata, além de Porto, os comboios d'esta Companhia n.º 55 e 54 — Expressos Porto —

Lisboa, 26 de Setembro de 1900. — O sub-director da Companhia, Manuel F. de Vargas.

AVISO AO PUBLICO

Esta companhia resolveu, mediante auctorisação do Governo, retirar da composição dos comboios correntes n.º 8, 15, 121, e 124 as carruagens de 1.ª classe directas entre Badajoz, Figueira e Espinho, a partir do dia 5 do corrente.

Lisboa, 4 de outubro de 1900.
O director geral da Companhia—Chapry.

Transporte de cal e pedra de cal

No dia 15 de outubro de 1900 é posta em vigor uma nova tarifa combinada entre esta Companhia e a da Beira Alta, os Caminhos de ferro do Minho e Douro e a Companhia do Porto a Povoa e Famalicão, cujo fim é favorecer os transportes de cal e pedra de cal das estações da Figueira da Foz a Martede e de Amieira para os destinos do Porto (Alfandega) e varias outras estações das linhas do Minho e Douro e Porto a Povoa e Famalicão, sem reciprocidade.

Para preços e condições ver a tarifa que se acha affixada nas estações interessadas e a venda ao preço de 10 réis cada exemplar, no Serviço do Tratejo d'esta Companhia, estação de Santa Apolonia.

Lisboa, 6 de outubro de 1900.
O director geral da Companhia—Chapry.

Serviço combinado com as Companhias dos Caminhos de Ferro Portuguezos da Beira Alta, de Salammanca à fronteira portugueza, Salamanca e Medina del Campo, Norte de Hespanha, Melodia de França e Orleans.

Desde 15 do corrente estarão em vigor as seguintes tarifas para transportes directos entre Portugal e França:

1.ª P. H. F. n.º 3 grande velocidade—Recovagens e generos frescos de Paris ou Bourdeus-S. Jean para Pampilhosa e Lisboa ou vice-versa, applicavel a expedições do peso minimo de 5 kilogrammas.

2.ª P. H. F. n.º 4 pequena velocidade.—Transporte de mercadorias de todas as qualidades de Paris-Ivry e Bourdeus S. Jean a Pampilhosa e Lisboa ou vice-versa.

Preços por expedição desde 50 kilos ou pagando como tal.

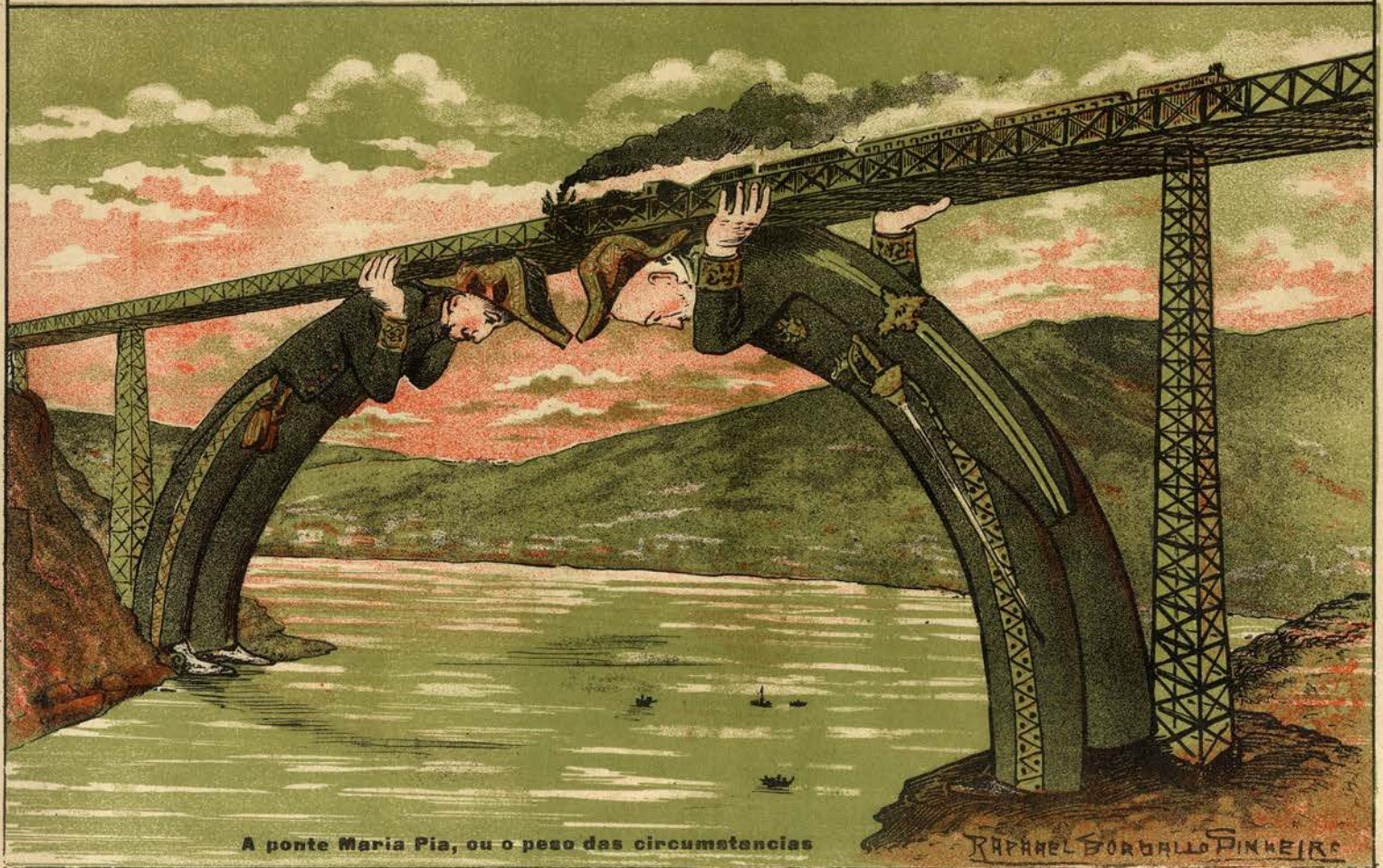
Preço por vagon de 5000 kilos ou pagando como tal. a 10000.

Para demais esclarecimentos e preços, ver as tarifas affixadas nas estações interessadas.

Lisboa, 6 de outubro de 1900.
O director geral da Companhia—Chapry.



A VIAGEM RÉGIA



A ponte Maria Pia, ou o peso das circunstâncias

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO